

O MAR

«Se queres aprender a rezar vai para o mar.»

MIGUEL DE CERVANTES, *Dom Quixote de la Mancha*

Dei a bofetada no meu rosto por engano — mas desferi-a com toda a força. Queria muito matar a mosca, a mão falhou por milímetros, estalou na minha bochecha, e o zumbido continuou. A seguir os zumbidos juntaram-se, produziram outros, zumbidos rápidos e de várias mãos, até que tudo se tornou insuportável e eu caí. Lembro-me das moscas pousarem no queixo, nas pestanas, no nariz, buscando-me a face apodrecida, e de não as conseguir afastar. Surpreendeu-me muito por o erro partir delas, das minhas mãos, digo, a parte de mim em que mais confio. Tinham-me falhado estrondosamente. Em vez de esmagarem o irritante inseto, iniciaram o processo que duplicou as minhas bochechas e fez do meu rosto esta massa inchada e purulenta.

Podê parecer-te estranho zangar-me com as minhas próprias mãos, mas, na verdade, foi o que me ocorreu. Que a culpa era das minhas mãos, não das mãos dos outros. Agora,

aqui, escuto o som monótono da água a bater no costado do navio, e têm de ser as mãos quem me conta tudo — afinal, tudo se tornou noite e já não tenho os olhos. Em seu lugar, tenho dois globos vazados debaixo das sobrancelhas.

*

Abro com cuidado os dedos, estico-os (como me doem!) e começo a raspar a madeira com as unhas. A madeira é mole, pelo menos mais mole do que a minha força a escavar. É mole como terra solta, vai caindo à medida que vou abrindo o buraco, e o meu entusiasmo cresce conforme avanço. Vou raspando com mais vigor, e enquanto a desbasto vislumbro a salvação. Raspo e raspo, parto uma unha, não paro. As minhas unhas vão endurecendo no caminho — em breve serão garras afiadas. Empurro para o lado ou para a frente, não me preocupo com detalhes, não sei se faço um ou vários montinhos de aparas — não me interessam nem o tempo nem os restos. Quero apenas progredir o suficiente para abrir o costado, poder sair daqui e voltar a sentir o vento no rosto. Encolho a mão num punho, passo-a pela abertura, aperto-a como se imitasse o bico de um pato, o osso pequenino do pulso fica preso, forço-o, consigo passar a mão e empurro. A madeira desfaz-se, os dedos voltam a abrir (como me doem!), e finalmente encharcam-se de mar. (Vou tentar acenar a alguém.) O MAR... É um pouco frio, o MAR. A sua água não para de falar e dá-me a frescura que necessito. É capaz de contar-me o que preciso saber: tulula, uaué, kini, iunga, kini, kini¹. É essa a palavra que mais repete:

— Kini. Kini...

¹ Tulula — abaixar; Uaué — acudam; Iunga — banho; Kini — azul.

*

Vou contar-te o que me lembro de mim, antes e depois de ser trocada por uma bússola:

— As tuas mãos são estranhas, Marta.

— Porquê, mãe?

— Tens os dedos demasiado compridos. Isso não te vai trazer boa sorte.

A mãe cortava os legumes com o facão do mato sem hesitar, até quando tinha o chão encharcado em lágrimas das cebolas. Batia a lâmina na madeira com rapidez, plunc plunc plunc. Nunca se desviava um milímetro. Ouço o mesmo barulho no interior deste barco, o mesmo tinir reluzente misturado com o som das galinhas e dos porcos que andam por todo o lado soltando penas, grunhindo, cacarejando e defecando. Não são as suas patas, mas há sempre algo, semelhante à ponta do facão da mãe, que se sobrepõe ao rangido da madeira. Mesmo não sendo faca, pode até ser unha, fratura qualquer coisa, e fá-lo com a mesma precisão com que ela fraturava a mandioca, os bichos pelo pescoço, os talos. Talvez outra pessoa fazendo o mesmo buraco que eu.

Sei que é sempre noite neste navio hediondo, não preciso dos olhos para saber, aqui é tão escuro como quando brincava tempo demais ao jogo do esconde-esconde.

— Volta para casa, anda! — dizia a mãe.

Talvez quando voltar para casa o sol tenha morrido e o mundo seja só noite.

*

Uma coisa viscosa e alongada enrolava-se pelos meus dedos acima. Longa, húmida, carnuda, entrelaçou-se no

dedo do meio. Tentei retirá-la com o polegar, escorregou, ondulou, mas permaneceu escorregando, colada à minha mão. Poderia quebrá-la facilmente com a unha, mas não quero. Agrada-me a sua companhia enquanto empurro o mar. A água tem seres morando nela.

(Tento de novo levantar a mão para acenar a alguém. Estou certa de que alguém a verá — são grandes, as minhas mãos, grandes mesmo.)

Tudo aqui é tão aquoso que a humidade da água entra dentro da humidade da madeira, a humidade da madeira entra dentro da humidade da água, as duas entram uma na outra, a humidade entra pela minha mão, encharca-me, volta à madeira, e a madeira cheira a podre. Nós dormimos diretamente sobre a madeira podre. Alguém me disse, pouco antes de embarcarmos, que esta água grande se chama MAR, Kalunga². Tem também outro nome — Atlântico. Se não é exatamente esse o nome, soa assim, ainda entendo mal a língua pouco pronunciada e sem ar dos estrangeiros. Gostei do tom do azul quando o vi pela primeira vez, gostei do ar estonteado do A-T-E-L-Â-N-T-I-K-O. Ainda tinha os olhos. Percebi logo que o mar não era um chão, era um movimento — um ser melífluo e ronronante, como um gato. Intuí que a sua beleza era frágil e delicada, mesmo que porventura falsa. Falsa não apenas por me roubar tudo o que até então vivera, por a sua fragilidade ser força descomunal disfarçada de gentileza, mas por emanar espíritos sem vida, provavelmente outros que também tinham entrado ali à força para serem levados

² Kalunga — mar.

não se sabe para onde. Ouvi, distintamente, os mortos anteriores gritando:

— Foge! Foge com todas as tuas forças, corre como nunca correste!

Como poderia eu correr, com aqueles trambolhos de metal em cima dos pés fechando as pernas com correntes? Eu ainda não era uma carcaça fedendo, o meu rosto não era ainda pasto para vermes, mas os anéis frios dos ferros já embaraçavam tudo. O ferro pesa mais que a ferrugem. Sinto o ferro enferrujar os meus tornozelos. Cada vez que tento mover-me os ferros tilintam, como seres de outro mundo se arrastando, depois fazem os tornozelos baterem um no outro, fecham-me as pernas com força e levo uma pancada nos joelhos.

*

Tal como as minhas mãos, as minhas pernas também deixaram de me obedecer. Estou muito cansada. Caio a cada movimento, como antes de aprender a pôr-me de pé, só que agora caio com sangue nos tornozelos. Sangue que resvala calmamente sobre as minhas unhas e vai pintando o navio. O navio também é uma carcaça.

As mulheres mais velhas dizem que todos os seres nascem cobertos de sangue, talvez eu esteja a vir de novo ao mundo e o mundo seja outro. O meu Maiombe é agora líquido e a minha casa, um barco com paredes sonoras e fétidas que me agoniam. A madeira geme e range, e solta lamentos por todos os lados. Como um ser que cresce desajeitadamente, o barco estica os ossos ao máximo antes de cair extenuado e com estrépito. Ouço tudo: silvos, cracs

prolongados seguidos de uma espécie de reajustamento, porventura os gemidos de agonia das árvores que o construíram. É por isso que me seguro ao mar:

— Para não cair.

Tudo isto se repete, interminavelmente. O barco volta a contrair os ossos, dobra os joelhos até ao umbigo, retorna a bebé, e quando se estica já é um velho a chegar às portas da morte. Por vezes, soa como alguém embalando uma criança, noutras, como um embate entre dois pugilistas derrotados. Escuto, até se tornar insuportável, os estalos regulares do casco, as corridas dos ratos, os assobios nas frestas, as batidas da água no costado, as unhas dos animais arranhando a madeira, os roncos assustados dos porcos, os ganidos das galinhas, pancadas secas vindas de não sei onde, um choro prolongado entrecortado por soluços, e rezas indistintas. Eu também faço o mesmo, rezar, mas para dentro. O quimbundo, para mim, é palavra e morcego, existe e fica batendo tonto na memória. Sempre preferi falar para dentro, escutar através do eco a percussão das palavras. Para mim, as palavras são mais claras no silêncio da mente.

Foi no Entreposto — no lugar que chamam Entreposto, de novo a língua deles, a outra língua, pois sei que o que aqui conto será traduzido por ti, e tu brincas com as duas línguas³ — que comecei a ouvir o MAR. Primeiro ouvi, depois vi, pois quando ali cheguei estava escuro. Pressenti o som de um círculo rodopiando, uma massa gigantesca que batia perto do armazém para onde nos tinham atirado, a queda repetida de um monstro corpulento. Escu-

³ Como vos disse, isto não é verdade — é apenas Marta a ser gentil.

tei-o durante toda essa noite, não consegui dormir. Tinha procurado a minha mãe e a Live, mas não as encontrara. Passei essas horas imaginando o MAR de infinitas maneiras. Um tigre assombroso que tinha crescido demais e já não cabia em lado nenhum, uma árvore de borracha que voltava para trás quando chegava ao chão, as casas de muitas aldeias caindo ao mesmo tempo, uma noite de trovoadas contínua. O barulho repetia-se, o estrondo da queda, digo, depois desfazia-se, e logo voltava a erguer-se. Ficou fazendo quedas e afastamentos pela noite dentro — nunca parava quieto, o MAR.

Foi quando amanheceu e nos empurraram para fora do armazém que pude vê-lo pela primeira vez. Notei que antes de cair graciosamente no areal fino e claro, antes de desmaiar em pancadas brancas de nuvens fofas, a água grande, o Atlântico, era azul de um tom que nunca tinha visto, nem em nenhum lugar nem em coisa nenhuma. *Kini*. O MAR.

— Marta! Deixa de sonhar e vem ajudar-me. — De novo a voz da mãe, mas a mãe não estava ali.

Era apenas o eco, o morcego tinindo nas paredes da gruta. Mesmo antes de poder recordar o seu rosto anguloso ou os seus olhos roxos de mirangolo⁴, era a voz da mãe quem corria, e aparecia tanto para me acalmar como para me picar. Aparecia para pôr ordem na minha desordem, como sempre.

*

⁴ Mirangolo — fruto tropical, geralmente arroxeadado, do tamanho de uma cereja.

Talvez a mãe também fale pelas plantas, sei que este ser viscoso que escorrega no meu dedo do meio é uma planta. Não tem batimentos de animal, tem o silabar dos braços da minha mãe quando me rodeava com uma manta à noite. Espíritos dos mortos, plantas longas e agitadas, que mais guardará o MAR? Sobee e desce, isso é fácil de compreender, sinto-o constantemente no seu pulso tão irregular quanto os meus batimentos. Eu oscilo da mesma maneira, especialmente as costas a cabeça e as ancas, sempre batendo contra alguma coisa — as primeiras pancadas doeram muito, por acontecerem nas mesmas partes do corpo, depois, foram deixando de doer. Pois me habituo.

— Pois me habituo. Pois me habituo...

Por vezes, molho a ponta dos dedos na água e retiro-as rapidamente do meu buraquinho, sorrio, noutras, quando quero morrer, mergulho o braço pelo buraco do casco até ao sovaco e deixo a água inundar-me os pelos suados.

Na primeira vez em que o MAR secou na minha pele, lambi-o. Estiquei a língua o mais que pude e percorri o braço até ao cotovelo — sabia a sal —, isso fez-me a boca muito seca a seguir. Muito mais seca do que já estava, tanto que me estalou os lábios. As feridas arderam e os pelos dos meus braços ficaram espetados pelo sal. Talvez por isso me arrepiem tanto as patitas do rato que usa o meu antebraço como prancha de mergulho. Fui visitada primeiro por uma planta e a seguir por um bicho. Chega correndo, e é rato. Tenho a certeza.

No navio há muitos ratos. Este encolhe o corpinho maleável para atravessar os ferros nos meus tornozelos, dobra as orelhas e empurra o lombo para passar, sobee cor-

rendo afobado pelas minhas pernas, arrepiame com a sua penugem molhada, salta-me pelos peitos que nem impala, entra-me pelo ombro e é nesse momento que arranha com as unhas os pelos cristalizados do meu braço — quer usá-lo para escorregar para a água. Deve estar indeciso, pois sobe-me de novo pelo braço e acaba por parar frente ao meu pescoço para ver não sei o quê, provavelmente para tomar a decisão final. Reflete. Confirma que sou uma prancha para a água. Percebo que espeta os bigodes, pois fazem-me cócegas. Tenho vontade de lhe passar a mão na cabeça. É a última coisa que sinto antes de ele escorregar braço fora e saltar para o oceano, arrastando, ao entrar na água, a planta viscosa presa no meu dedo do meio. Splash.

Albergue de suicidas, algas e ratos — confirma-se, tem vida, o MAR.

*

O rangido das paredes do navio não para nunca, nhec nhec nhec, nhec nhec nhec, nhec nhec nhec, sempre prestes a adormecer, a acordar, a embalar, a enlouquecer. São dois e são um, o navio e as vagas do oceano, a minha mão e o Atlântico.

Acho o mesmo do metal comprido que os homens trazem nos braços para nos obrigarem a fazer o que lhes apetece. São dois e são um, os estrangeiros empunhando o braço de ferro. Levantam-no, encostam-no ao ombro, o espeto explode o buraco redondo em brilho e pó. O buraco dos mosquetes é uma boca atônita que vomita antes de matar. Se acerta em alguma coisa, a coisa cai para o lado. Se é viva, fica um buraco que jorra na cabeça e a

pessoa ou o bicho espumam aos soluços pela boca, antes de fugir em direção ao fim. Quando a peça de metal, o tal do mosquete, acaba de expelir a morte, os estrangeiros baixam-na, e fica pairando no ar um pó com um cheiro acre que desconhecia.

Eu também passei a ser duas. Vou explicar-te melhor: sou duas metades — uma metade vê, a outra não; uma metade encara de frente, a outra foge a correr; uma metade está no navio, a outra permanece em casa, a outra está nos *teus* sonhos (aqui sou três); uma metade vive com a mão mergulhada no MAR, a outra morre no interior do navio. Sinto que já não sou uma pessoa, que me obrigaram a ser sobre-humana, um espírito. Estou muito cansada, vou tentar dormir. Até amanhã.

*

Arrastaram-me para dentro do navio puxando-me pelos cabelos e puseram-me numa jaula. A pele ardeu muito. Usaram um gancho na grilheta dos pés para ser mais fácil arrastar-me. (Quando falo de mexer as pernas, falo de nada.) Dois homens deitaram-me de lado, dobraram-me, empurraram a minha cabeça com força até aos joelhos, enfiaram-me na jaula e partiram. Eles iam e voltavam, traziam mais gente, às vezes uma pessoa, noutras duas, podia perceber diferenças nos sons que faziam, especialmente se eram mais pequenos, ou se não tinham reação porque seguiam desmaiados. Esses eram mais leves, mesmo sendo mais pesados. Cada corpo produzia um ruído diferente ao ser arrastado. Alguns esperneavam, batiam com os pés no sobrado, outros terão ficado com os cabelos presos

em algum lugar, pois escutei o barulho de cabelo sendo arrancado. Outros ainda, inertes, produziam apenas o som da maciez da pele deslizando sobre a madeira. Eu cheguei como um peso morto; entretanto acordei.

A jaula onde me puseram é pequena e mal feita e muito torta e tem espetos de madeira que me arranham. Rasgam-me repetidamente no mesmo sítio: nas coxas e no braço direito. Quando me mexo picam noutra sítio, como farpas. Numa das vezes em que procurei mudar de posição, as farpas cortaram o meu seio na diagonal — tcsshhhh. Tentei virar-me rapidamente. Não me serviu de nada. Passou a ferida do peito para o bico do mamilo, o que doeu ainda mais. A farpa começou a sarrafar repetidamente o bico do seio, balançava como o navio, cortava, queimava, não conseguia parar aquilo, desisti. Mal me conseguia mexer, não tinha forças.

De quando em quando, alguém passa por baixo da jaula comida nauseabunda. Mal os sinto sair, engulo quase sem mastigar o que quer que seja. Foi ao raspar o chão à procura da comida que percebi que a madeira era mais mole que as minhas unhas e que se calhar conseguia furá-la. Por isso, posso falar com este desconhecido que concorda que palavra é morcego e não se pronuncia.

— Comecei a falar com o MAR, o que não se pronuncia.

*

Uns dentinhos, mexendo-se rapidamente, mordem-me os dedos. Não é o rato. Tudo o que toco parece-me miúdo, húmido, dentado. Tentei agarrar o bicho-qualquer-que-fosse, mas escapou-me.

Não tenho a certeza se bicho é tudo aquilo que se move por vontade. Eu já não me movo por vontade, ainda assim... sou bicho. Não sou planta. Apenas, não decido os meus movimentos.

— As plantas decidem para onde se movem?

A última vez que me movi «por vontade» foi quando a aldeia foi queimada. Uma casa, primeiro, a do vizinho, a casa do vizinho uivava entre as labaredas, chegaria à nossa, mas na nossa não estava ninguém. Pensava que estaríamos todos dormindo, mas não estávamos. Saí a correr e o que vi logo foram os cabelos da minha mãe sendo puxados por umas mãos secas como forquilhas. Mania de puxar as mulheres pelos cabelos, ngandus, múkua kituxi, kibubulu⁵, filhos da puta. Arrastaram-na pelo chão da aldeia para a amarrarem ao tronco. A um tronco, foi isso que fizeram. Os calcanhares dela faziam um sulco fundo na terra de tanta força ela a calcava enquanto era arrastada. Ela foi com as pernas abertas, os dentes cerrados e os olhos roxos chispando. Tentava arrancar as plantas do caminho, como se quisesse levar consigo a comida que nos custou tanto semear e cuidar. Em todo o percurso, urrou. A mãe não grita, ela urra. Em algumas casas, as labaredas aumentaram de brilho e de tamanho quando ela passou, juro. Não via o meu pai em lado nenhum — nunca mais o vi.

A noite estava iluminada pelos fogos, não era pelas estrelas. Conseguia ver os fogos até muito longe, ouvia-os crepitar e estalar: estalavam antes de se elevarem, muito altos, ornados de riscos e pequenas explosões alaranjadas.

⁵ Ngandu — crocodilo; Múkua kituxi — criminosos; Kibubulu — destituído de inteligência.

Era horrível, belo e assustador. Então, corri. Foi essa a última vez, portanto, em que fui bicho o suficiente para mover-me de acordo com a «minha vontade». Corri com todas as minhas forças. Não durou muito. Apanharam-me pouco depois.

A seguir, lembro-me da formação de uma linha vaga, uma fila longa, no limite da aldeia. Não conseguia ver nem o fim nem o princípio daquilo — era uma coluna de gente e não estava só gente da minha aldeia, havia de outras aldeias também. Consequia perceber, entre as sombras, pernas trôpegas, amarradas umas às outras pelos joelhos ou pelos pés, pescoços unidos por libambas⁶, atrás de mim o meu vizinho, Jola, ali a minha amiga, Live, à minha frente uma mulher que costumava trocar quiabos com a mãe, mais à frente um rapaz de outra aldeia, o rapaz que nasceu sem pestanas e de quem toda a gente falava pois era bruxo ou incompleto.

A coluna começou a avançar lentamente. Uns caíam e levantavam-se muito rápido para não serem pisados, outros marchavam com os olhos postos em qualquer coisa que não estava lá, alguns miravam o chão e empurravam os pés, outros ainda pareciam estar sempre na mira de uma aberta para conseguir fugir. Consequia senti-los a todos. Sempre que tinha possibilidade, punha-me na ponta dos pés. Esticava-me o mais que conseguia e tentava atravessar as cabeças para descobrir o meu pai ou a minha mãe, pois não os via. Chamei por Live muitas vezes, ela não estava muito longe, mas nunca pareceu ouvir. Acho que

⁶ Libamba, ou libambo, é uma corrente de ferro com a qual se prendiam as pessoas escravizadas pelo pescoço.

ela conseguiu fugir. (Tenho a certeza que ela conseguiu fugir. A Live é assim, mágica e poderosa.)

*

Caminhámos durante vários dias e muitas noites, atravessámos o Maiombe com os ramos das árvores a lamberem-nos os ombros, seguindo os gritos dos estrangeiros, até chegarmos à feitoria junto ao mar. O armazém. O tal Entrepосто, o lugar do Entre.

Uma noite, pude sentir um leopardo se aproximando, tão perto que lhe senti o bafo, mas até ele pareceu ter medo do fogo que os homens levavam nas mãos e faziam balançar numa dança estranha. Não sei se o bicho teve medo ou se não se interessou por nós. Talvez duvidasse se estávamos mortos ou vivos.

Quando um dos estrangeiros passava perto de mim podia ver-lhes os olhos. Os olhos deles eram feios, amarelados e medrosos. Era tão estranho quanto certo, eles tinham medo de tudo. De nós, do Maiombe, da noite escuríssima, do bafo dos animais rondando, da sombra das árvores, dos ruídos inesperados da floresta, das estrelas longínquas e brilhantes. Eles suavam de medo e isso fazia-os subir e descer os archotes sem tino e gritar estupidamente. Era bonita, a luz e as sombras que os archotes criavam — perdi-me vezes sem conta a observar a luz amarelada movendo-se através das árvores, fazendo a floresta mexer-se como um bicho.

Nunca tinha caminhado até tão longe. Em alguns momentos, especialmente à noite, os homens apontavam as peças de metal que explodem para um lugar qualquer e

disparavam sem sentido. O estampido ficava a ecoar muito tempo. Por vezes, alguém tombava. Percebi que os estrangeiros além de apavorados eram desorientados. Saltavam por nada. Rezavam entre dentes, com as bocas apertadas num risco fino — defendiam-se empunhando fogo e ânsia.

É mais ou menos isto o que me lembro da longa caminhada.

*

Nós também estamos apavorados. Mesmo com a penumbra entre nós por estar cega dos olhos, sei que os corpos dentro deste navio estão aterrorizados. Aqueles que não estão, é porque estão inconscientes. A inconsciência deve ser uma maneira de espantar a realidade.

Como não vejo, posso sentir tudo. Consigo cheirar o suor de um pescoço próximo do meu, sinto vibrarem os pelos arrepiados de um braço que não está longe. Os outros têm seguramente nas pernas uma argola pesada de metal e alguns estarão numa jaula igual à minha. Alguém está sempre chorando, parece-me choro de menino, mas não estou certa. De vez em quando ouço-o soluçar baixinho, para logo procurar controlar-se e engolir sofregamente o ar. Escuto quando alguém arrota, peida, se coça, as patitas dos ratos, ouço tudo com muita nitidez. Ouço umas unhas coçando sem descanso a palma da mão, parecem tentar resolver uma comichão sem fim. Ouço o focinho de um porco sarrafando o chão à procura não se sabe do quê. Por vezes, vejo pequenas luzes, talvez sejam pirilampos, mas pode ser apenas imaginação. Especialmente, sinto o fedor ácido e a pestilência insuportável deste porão.